

## Discriminação na TV

### Geografia

Enviado por: \_clsochascki@seed.pr.gov.br

Postado em:01/01/1970

Por Margareth Artur O Brasil abriga um alto contingente populacional de negros e os considerados pardos. Apesar disso, os programas da Rede Globo de Televisão, emissora que se popularizou na década de 1960, especificamente pelas telenovelas, não cumprem o papel, apregoado nas mídias, de serem o espelho, de representarem o povo e a nação, pois a participação das personagens pretas e pardas nos elencos da emissora sempre &ldquo;esteve aquém do seu peso demográfico no país&rdquo;. Esse é o tema do artigo da revista Plural, em que Campos e Feres Júnior apresentam pesquisa com objetivo avaliar a inexpressiva representação de atrizes e atores pretos ou pardos na teledramaturgia brasileira. Buscam &ldquo;entender por meio dela a imagem de nação parcial que as telenovelas produziram e difundiram nas últimas três décadas&rdquo;., na clara evidência de hegemonia e privilégio dos brancos nos elencos da emissora, ou, nas palavras dos autores, na constatação da &ldquo;branquitude&rdquo;. Desde a década de 1930, explicam eles, popularizou-se uma concepção de nação, um &ldquo;projeto de nação&rdquo;., &ldquo;materializado nas narrativas teledramatúrgicas&rdquo; brasileiras. Mas o que está excluído dessa concepção?, questionam os autores, já que &ldquo;o suposto hibridismo dessa imagem unificadora da nação se aproxima mais de uma &ldquo;negação do Brasil&rdquo; do que da expressão de suas diferenças.&rdquo; A presente pesquisa, ainda não totalmente concluída, serviu-se de uma base de dados criada pela própria Rede Globo de Televisão e disponibilizada no portal &ldquo;Memória Globo&rdquo;. Diante da pequena quantidade de pretos e pardos nos elencos, os autores dividiram os atores em dois grandes grupos: um chamado &ldquo;branco&rdquo;., composto por atrizes e atores classificados como brancos ou amarelos; e outro grupo denominado &ldquo;não brancos&rdquo;., composto por atrizes e atores classificados como pretos e pardos. Feres Júnior e Campos contam que a distribuição das personagens das telenovelas de acordo com a cor e outras características, como a de gênero, colabora para a afirmação que a população preta e parda brasileira não está representada nas telenovelas globais, e sim, sub-representada, já que perfazem somente 8,8% dos atores e atrizes dos elencos, ao passo que o percentual de atores e atrizes brancos nas novelas levadas ao ar nos últimos trinta anos atinge os 91%. As populações pretas e pardas do Brasil estão localizadas, em sua maioria, no Norte e Nordeste, seguida do Centro-Oeste, o que confirma a distribuição desigual dessas populações pelas cinco regiões brasileiras: "As telenovelas Globais não somente representam a região Sudeste como majoritariamente branca, mas como mais branca que a própria Europa." A inserção de negros e pardos nas telenovelas vem acompanhada de estereótipos como os temas que focam na escravidão, nas favelas e nos cortiços, que se mostram como espaços sociais onde transitam essas personagens : &ldquo;as novelas que se desenrolam basicamente em espaços urbanos são, todavia, majoritariamente brancas&rdquo;. Desse modo, Campos e Feres Júnior nos revelam a falsa mestiçagem brasileira, pois, o que está nas entrelinhas, ao contrário do que nos querem convencer, é que, &ldquo;na verdade, se pensa em acelerado processo de embranquecimento&rdquo;. Nota-se que as telenovelas brasileiras não contam, em seu quadro de diretores e/ou escritores, os pretos e pardos, e, além disso, a predominância de produtores (escritores e diretores) brancos &ldquo;é ainda mais aguda do que a

de atores brancos em relação a pretos e pardos” . Fica claro que “mesmo quando são colocados em papéis de protagonistas, os atores selecionados são majoritariamente mais claros, ou seja, quase brancos”. Luiz Augusto Campos é professor de Sociologia do Iesp-Uerj, onde coordena, com o professor João Feres Júnior, o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema). É também pesquisador associado do Grupo de Estudos sobre Democracia e Desigualdades (Demode-UnB). João Feres Júnior é professor de Ciência Política da Uerj e da Unirio, editor da revista *Contributions to the history of concepts*, coordenador, no Brasil, do Projeto de História Conceitual do Mundo Atlântico (Iber-conceptos) e coordenador do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema). CAMPOS, Luiz Augusto; FERES JÚNIOR, João. “Globo, a gente se vê por aqui?”- Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985- 2014). *Plural* – Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 36-52, 2016. Dossiê “Desigualdades e relações raciais”. ISSN: 2176-8099. Disponível em: <http://revistas.usp.br/plural/issue/view/8888/showToc>. Acesso em: 25 ago. 2017. Esta notícia foi publicada em 21/08/2017 no jornal da USP. Todas as informações são de responsabilidade do autor.